

Prazer *versus* disciplina na educação: um estudo exploratório das divergências e das convergências

OSVALDO DALBERIO
MÁRIO JOSÉ FILHO

Universidade Estadual Paulista, São Paulo, Brasil

Introdução

Neste texto, temos a pretensão de fazer uma análise das divergências e das convergências do pensamento de Rubem Alves e de Émile Chartier (Alain). Devemos salientar que existem divergências entre ambos, tratando-se de métodos de aprendizagem. E que existem convergências ao falarmos de objetivos no aprendizado. Inicialmente, vamos abordar as questões referentes às divergências, e, em seguida, passaremos às convergências.

O básico dos raciocínios destes autores é que a compreensão da realidade está substancialmente ligada à cosmovisão do professor e a cosmovisão do aluno no processo ensino-aprendizagem. E esta cosmovisão, por sua vez, vai se solidificando na medida em que ocorre assimilação pelo aluno, no relacionamento educacional. O aluno é parte fundamental do processo educacional porque é conduzido ao mundo adulto, pelo professor. Sabe-se que o desenvolvimento do educando é diretamente proporcional ao conhecimento teórico e prático evidenciado pelo professor. Ou seja, o professor tem a incumbência de proporcionar ao aluno as diretrizes humanas, para que ele se perceba como homem na formação de sua personalidade.

1. Características divergenciais

Nesse relacionamento, encontramos um primeiro aspecto dicotômico: para Rubem Alves: o processo ensino-aprendizagem deve ser sustentado pela co-relação dos envolvidos com o desejo, no ato de aprender. Devem ser partícipes do mesmo projeto. A vivência do prazer, em tal relacionamento, tem como conseqüências o conhecimento que deve ser eficaz, tanto nos momentos existenciais quanto nas situações de aprendizagem. Este raciocínio é nevrálgico no pensamento de Rubem Alves. O aprendiz não retém conhecimento se não estiver impulsionado a obtê-lo pelo desejo. O aluno, conhecendo pelo prazer de conhecer, envolve-se no processo educacional enquanto criança, porque busca normalmente um prazer que tem um fim em si mesmo. Em outras palavras, para o aprendiz, o conhecimento é realizado através do jogo característico do aprendizado gerando satisfação de desejos. Objetivo, aqui, é observado como o conhecer pelo desejo de conhecer. Uma vez que realiza a apreensão da linguagem, com seus respectivos valores, assimila-se o essencial, isto é, adequa-se o que se aprendeu às manifestações de ideais, desejos e

sentimentos. Cabe, portanto, ao professor excitar o aluno a tal aprendizado. Tanto um, quanto outro, podem obter prazer nesse acontecimento.

Se para Alves, tanto o professor quanto o aluno devem estar predispostos a viver o prazer, para Alain, nem um nem outro podem senti-lo no ato de ensino-aprendizagem. Devem, sim, tê-lo como sustentáculo da maturidade humana. Assim, primeiramente, antes de vivê-lo, ambos devem preocupar-se com a superação das dificuldades encontradas nesse ato. Nisto consiste a disciplina pessoal, que é uma outra forma de dizer da maturidade humana.

A aprendizagem pela dificuldade está no ato de desenvolver as aptidões do aluno enquanto superação das dificuldades no ato de aprender. O papel do professor deve ser assumido para fazer com que os alunos trabalhem. O professor não deve trabalhar pela criança e junto com ela, mas deixá-la trabalhar. A criança, trabalhando, descobre por si mesma as dificuldades, e isto é o que importa.

Em Alves, encontramos a necessidade de que o professor esteja envolvido com o aluno na aprendizagem. Assim sendo, o aprendizado se torna eficaz, graças à experiência do professor que é passada ao aluno. Significa que o professor deve sentir também o desejo de aprender (ou reaprender) tanto quanto o aluno. Já para Alain, o professor não pode sentir o prazer imediatamente ao ensino. Isto geraria uma imagem não conveniente aos alunos do papel do professor. Pois a seriedade na aprendizagem é fundamental e deve ser preservada. Tal fato é uma das características da pedagogia da dificuldade. O importante é que o aluno sinta a seriedade do ambiente escolar, e supere as dificuldades em apreender e assimilar um conteúdo qualquer. Chartier evidencia a exigência de que o professor não apresente ao aluno uma taça com as bordas untadas de mel, e que o conteúdo seja amargo, mas uma taça com as bordas amargas e dentro dela esteja o mel. São duas formas apresentadas por Rubem Alves e por Émile Chartier, de relacionamento do professor com o aluno. Na primeira, o professor vive o aprendizado com o aluno através da criatividade e do desejo, enquanto que, na segunda, o professor deve colocar nas mãos do aluno a dificuldade para ser superada. Para Rubem Alves, é o prazer pela satisfação do desejo, e, para Alain, é o prazer pela dificuldade superada.

Segundo Alves, o aprendizado deve acontecer pela brincadeira. Isto porque a brincadeira é realizada com gosto e satisfação sem objetivos metodológicos, sociólogos, éticos ou filosóficos. O essencial, para tal, é ter objetivos pedagógicos, de forma que o aluno envolvido nela tenha um desenvolvimento intelectual satisfatório. Citando Alves, dissemos no item 3 do capítulo III como é este método de aprendizagem. Consiste, essencialmente, em trabalhar o aprendizado, tendo em vista o prazer no ato de aprender, no processo e no resultado do conhecimento.

Deve-se levar em conta, nesse aspecto, que a brincadeira é somente um pressuposto para o conhecimento pelo prazer. Faz-se necessário conhecer as dimensões da seriedade da brincadeira no relacionamento educacional. É indispensável ter consciência da seriedade que ela comporta. O professor deve saber qual a melhor maneira de provocar a necessidade dela a cada realidade educacional. Também deve ter bem claro: quais são os objetivos a serem alcançados, quais os métodos a serem aplicados, quais os mecanismos lúdicos que proporcionarão o prazer na aprendizagem.

Ao contrário de Alves, Alain vê esse fato como procedimento insustentável no que tange ao aprendizado; ele desconfia desse ensino pela brincadeira. "Au niveau de l'enfant, pensez-y, vous

n'intéressez déjà que son être d'hier; il se repetisse alors un peu, afin que vous puissiez lui plaire; mis gare au mépris" ¹. Para Alain, o ensino deve ser feito através da seriedade do cálculo, da seriedade do raciocínio e da seriedade da própria escola. A brincadeira deve existir sim, mas como jogo, nos intervalos destinados a isso. E não no momento da aula propriamente dita. Ela, a brincadeira, é utilizada, além da descontração, também como passagem de um momento a outro, para que o aluno perceba a diferença entre a ordem severa e o jogo. O momento da aula é o momento da seriedade pela própria seriedade, ou seja, a ordem severa. A dificuldade em aprender deve ser mostrada pelo professor ao aluno. Nesse âmbito, o professor deve ter seus objetivos próprios, mas estes não podem ser percebidos pelos alunos. Caso isto ocorra, as crianças farão aparecer a indisciplina, que é uma forma de perceber a fraqueza do professor. Conseqüentemente, a seriedade no processo educacional, caracterizado pela dificuldade, esvazia-se na algazarra. E se assim acontecer, cabe ao professor agir com vigor, contrariamente aos alunos, de forma que a seriedade da aprendizagem seja retomada. A ordem e a seriedade do aprendizado, inspirados na busca do conhecimento, devem ser embasadas nos clássicos. A seriedade do aprendizado, vista por esse ângulo, está na conquista da disciplina pessoal gerada pela superação da dificuldade.

"O que deve penetrar por toda parte é o espírito científico, não a ciência que esmaga; e é mais seguro procurar o espírito científico em suas origens que na massa dos últimos descobrimentos que não podem esclarecer" ². É importante a observação do espírito científico pelo aluno. Tal observação se consolida na medida em que ele não somente tenha conhecimento da origem, das definições, dos métodos e das conquistas científicas, mas saiba apreender o espírito contido nesses aspectos que geram possibilidade de sobrevivência. Esse fato deve acontecer no contacto direto do aluno com componentes mais simples da complexa máquina científica. Deve ele saber manusear chaves, saber a utilidade de cada uma; ter contato com parafusos, polias, hélices etc; descobrir que o espírito atravessa a simplicidade do uso das ferramenta e vai ao encontro de grande leis científicas, expressas na origem do pensamento e em toda a história da ciência.

Enquanto, para Chartier, o conhecimento do espírito científico é indispensável para que o homem se posicione como homem no seu meio social, para Alves, a ciência deve ser reestruturada de forma que o cientista possa estar ligado à seriedade da brincadeira, do jogo, e não somente à seriedade das leis e das teorias científicas. A preocupação fundamental da ciência, atualmente, segundo Alves, é com a formação do homem para atender à utilidade social. Diz-nos o autor que a atual preocupação dos cientistas é com problemas epistemológicos e metodológicos, e não com problemas éticos. Significa, portanto, que se deve fazer uma interpretação do conceito elaborado historicamente e dar a ele um outro sentido. Tomar o sentido vertical que lhe é dado e atribuir-lhe uma horizontalidade. Ou seja, não operacionalizar apenas seus mecanismos que estão veiculados ao poder político e econômico, visando um "status" social, mas, ao contrário, que se operacionalizem os conceitos, os métodos, as técnicas para a valorização do homem com todas as suas características humanas. Alves diz em carta ao professor Regis de Moraes que "o verdadeiro cientista trabalha como quem brinca". Isto é, o que temos não é a presença de cientistas preocupados com o prazer pelo prazer, mas o prazer que se pode obter pelos benefícios econômicos, sociais e políticos. É urgente a necessidade de outro tipo de cientista. Aquele que reconhece a importância de "quem deseja

¹ Émile CHARTIER (ALAIN): *Propos sur l'éducation*, p. 14. "No nível da criança, pense nisso, você só desperta o interesse de seu ser de ontem: ele diminui então um pouco o seu tamanho, a fim de que você possa lhe agradar".

² Citado por Jean CHATEAU: *Os grandes pedagogistas*, p. 344.

saber por saber sem querer, (...) encontrar o seu prazer na curiosidade satisfeita, no senso de domínio intelectual do objeto, no obstáculo epistemológico vencido"³.

Dada a seriedade da ciência, pode-se observar também a seriedade da aplicação dos métodos pedagógicos nas escolas. Aqui podemos incluir outro aspecto não menos importante que os analisados até agora. Como é vista a presença do amor em ambos os autores?

De um lado, para Alain, o amor é norteador do relacionamento familiar. O poder que a família vivencia internamente é subsidiado pela presença do amor, do envolvimento afetivo e da fraternidade. Enquanto, na família, o amor é o mecanismo de relacionamento humano, na escola, é justamente o contrário. Nela, ou seja, na escola, deve prevalecer o espírito de seriedade, a rigidez dos raciocínios, a segurança do mestre-escola, que convergem para a neutralidade do professor. O espaço, destinado ao "povo criança", deve ser preenchido pelo ensino do cálculo, da gramática, do exercício intelectual, onde a imparcialidade do professor é também um instrumento metodológico. A própria escola se encarrega desta seriedade imparcial, porque o "povo criança", no seu verdadeiro mundo, está sob jugo da dificuldade de aprender. Aqui, o amor não tem lugar, e se o mestre-escola ama, engana-se ao seu papel de educador. Portanto, quanto maior a imparcialidade em relação ao aluno, por parte da escola e por parte do professor, maior será o aprendizado dele. Maior será a possibilidade que terá de fazer-se homem. Assim, a personalidade do aluno será sublinhada pelo saber com a superação das dificuldades graças a esta imparcialidade.

Por outro lado, Alves defende a postura de que o amor deve ser o ponto nevrálgico entre professor e aluno. É a presença do amor que privilegia a criatividade e o conseqüente envolvimento de ambos no processo de ensino-aprendizagem. Quando o professor ama seu trabalho, ama também os envolvidos nele. E esse amor desperta, conseqüentemente, o outro lado envolvido, que é o aluno-sujeito. E a busca de prazer no ato de relacionarem-se vai ganhando forma e sendo o sustentáculo do processo de aprendizagem. O amor, sendo vivenciado espontaneamente pelo professor e pelo aluno, se afigura num inter-relacionamento, ou seja, os que se amam não se interessam um pelo outro, simplesmente pelo fato de amar. Mais que isso, os sujeitos libertam-se porque agem pelo amor.

O ensino, enquanto processo sustentado pelo amor, liberta o homem de si mesmo e o conduz à humanidade. O aluno assume a sua própria identidade humana pelo prazer, advindo do relacionamento amoroso. Com isso, conhece-se a si mesmo, ao outro e ao mundo. A necessidade do amor ao brinquedo faz-se urgente porque ele tem um fim em si mesmo. E o aluno, brincando, aprende pelo próprio fato de brincar amando.

Quanto ao processo de vivência do prazer, temos dois enfoques. Um trata do prazer ideal, e o outro, do prazer real. Pelo que vimos durante este estudo, podemos afirmar que Alves se preocupa com a divulgação da necessidade do prazer real. Tal fato possibilita uma análise detida do método aplicado na pedagogia do prazer. Isto já fizemos no capítulo anterior. Cabe-nos, portanto, colocar aqui que este método consiste em vivenciar o máximo de prazer na aprendizagem, utilizando-se da técnica da ludicidade. A ludicidade está ligada ao jogo, ao brinquedo, ao relacionar-se amorosamente com o processo de formação da personalidade ("complexo lingüístico"). Tal formação, denominada também de educação, se manifesta

³ Rubem ALVES: Carta a Regis de Morais em 1986.

na inter-relação da cosmovisão do aluno com a cosmovisão do professor. Que é, de outra forma, a percepção global do prazer real.

Nesse processo, tanto aluno quanto professor devem estar conscientes da necessidade do prazer para a vivência social cotidiana. A vivência do prazer caracteriza-se também como aprendizado. Em outros termos, o prazer é apreendido também pela prática cotidiana dele. Segundo Alves, a melhor forma de apreendê-lo é através de sua "praxis". O aluno, experienciado o prazer impulsionado pelo desejo, no processo educacional, apreende o sentido real do prazer e o sentido da realidade que gera tal prazer. Conseqüentemente, a realidade proporciona prazer quando vivida intensamente, e o prazer real adquire a expressão da verdadeira realidade, para os sujeitos nela envolvidos.

É importante salientarmos que a realidade apresentada acima está para o prazer tanto quanto a educação escolar está para o conhecimento intelectual. Podemos perceber, através desse raciocínio, que há a possibilidade da ligação entre prazer e realidade. Tal ligação nos proporciona dizer do prazer real, visto que, para Alves, o prazer deve estar interligado à vivência concreta do aluno. Ou seja, o prazer real consiste em viver a maior satisfação possível, através do contato do aluno e do professor com o espírito lúdico que envolve o sabor do saber.

Émile Chartier, por outro lado, discute essa mesma problemática, embora de outro ponto de vista. O prazer é caracterizado como superação da dificuldade, por isso, podemos atribuir-lhe a categoria de prazer ideal no processo educacional. Tal é a importância da obtenção do prazer, que Chartier elenca os métodos da dificuldade e da disciplina pessoal em função do esquema relacional do professor com o aluno. O professor deve dar ao aluno a idéia de grandeza (prazer maior) para ser conquistado após muito esforço e sacrifício; o aluno deve trabalhar, e o professor, observar e orientar; o aluno, inspirado no professor, deve buscar conhecimento nos clássicos e conceber o espírito científico contido nas descobertas feitas historicamente pelo homem. Enfim, o papel do professor é mostrar ao aluno a possibilidade da vivência do prazer no conhecimento conquistado.

A realidade está, nesse caso, para o aluno, como instrumento de mobilização para o prazer. Significa, pois, que não se obtém prazer algum, no contato com ela. E que o prazer deve ser o espírito que arrasta o aluno para si no processo de aprendizagem. A relação existente aqui é simplesmente caracterizada como capacidade de vencer as barreiras da aprendizagem, tendo em vista um objetivo ideal. Em outros termos, o prazer, nesse caso, é ideal.

Idealiza-se algo que é superior ao que se vive no cotidiano. De outra forma, o prazer veiculado por Chartier é, por assim dizer, uma utopia no processo. Não é como resultado da aprendizagem. Tal cotidiano possui duas faces: a da família concretizada no amor, e a da escola, concretizada na neutralidade do trabalho. Ambas já discutidas anteriormente. Cabe aqui, somente, acrescentar que, na família, vive-se o real, ou seja, o conflito diário entre mundos diversos e povos com estruturas próprias: o "peuple parent" e o "peuple enfant"⁴. Entretanto, na escola, vive-se o ideal; é lá que a criança se junta com os seus coetâneos, formando o "peuple enfant" para ser instruído e elevado ao mundo dos adultos. A idealidade mostra às crianças os aspectos verdadeiros, do ponto de vista dos adultos, confirmando-se, assim, a postura do autor. Por isso, é, além de ideal, bastante idealizada.

⁴ ALAIN: *Propos sur l'éducation*, p. 78. "Povo Pai" – "Povo-Criança".

Temos consciência de que a escola pode ser, também, como a família, um ambiente onde se vive o lado palpável da realidade. Entretanto, a diferença entre a escola e a família expressa-se em ser a escola articulada por métodos próprios, por programas elaborados e objetivos delineados. Na família, não encontramos nem métodos, nem programas, nem objetivos pré-estabelecidos, mas tão somente a vivência do dia-a-dia. Esse é o ponto crucial da idealidade e da realidade vividas na família e na escola, vistas por Alain.

Os argumentos que estão sendo apresentados até agora neste capítulo comportam em seu interior as diferenças básicas existentes entre Alves e Alain. Podemos colocar, como aspecto fundamental e determinante, a seguinte proposição: o método pelo qual se ensina e se aprende (acerca do prazer) é substancialmente divergente nos dois autores. Um, Alves, está propondo que o lúdico, expresso na brincadeira, no jogo, no riso, no amor a eles seja o caminho para se obter um prazer real. O próprio aprendizado é a possibilidade de vivência do prazer, e esse prazer estende-se evidentemente a toda a experiência humana advinda do conhecimento. Em outras palavras, obtém-se um saber quando o sabor se faz presente no processo de aprendizagem e no final dele.

O outro, Alain, está propondo que o aprendizado aconteça na medida em que se tenha contato com a própria dificuldade de se aprender. O prazer deve ser conquistado, após ter-se superado as dificuldades e conseguido uma disciplina pessoal. Isto caracteriza-se como prazer ideal. O processo da aprendizagem deve ser inspirado nos clássicos do pensamento e no espírito científico. Uma vez feito isso, o saber gera o sabor. Ou seja, o sabor no aprendizado só se concretiza quando há a superação da dificuldade do saber. Em outros termos, o aprendizado é o produto da assimilação, é o resultado de dificuldades superadas, é a efetivação da personalidade e da disciplina no aprendiz.

2. Características convergenciais

Apresentaremos agora, as convergências no pensamento de Alves e de Alain. Fundamentalmente, o que encontramos como pontos comuns é a procura pelo prazer na educação e a educação enquanto solidificação da personalidade do aluno.

Rubem Alves sustenta a tese do prazer na educação como sendo um acontencimento intrínseco e necessário a formação da personalidade do aluno. No processo, pelo qual há essa realização, há também o desabrochar da perspectiva humana do aluno. O aluno vai consolidando através de sua vivência cotidiana e da aprendizagem, uma determinada linguagem. Para esse autor, a personalidade é a forma de manifestar o "complexo lingüístico" solidificado, que é o homem. Com a linguagem, o aluno expressa seu mundo, revela sua amplitude de percepção, sua evolução intelectual, sua conceituação própria, sua existencialidade. A linguagem assume, então, um papel irrestrito. Por isso, o aluno faz uso da linguagem que está diretamente ligada à maneira de expressar seu mundo, sua vivência cotidiana, seus valores culturais. Tais valores vão evoluindo e ganhando forma, de modo que o aluno também vai assumindo sua própria condição de homem inserido numa cultura. A cultura manifestada através da linguagem é, todavia, um mecanismo utilizado para educar a criança. No processo educacional, visto por esse ângulo, o aluno é agente do aprendizado e o professor é promotor dele. Isso porque a cultura é entendida como elaboração humana da realidade, para atender as necessidades valorativas próprias do homem.

Os valores culturais estão impregnados de uma linguagem e manifestam as necessidades naturalmente vitais do aluno em buscar a realização de seus desejos mais profundos. O professor deve pautar-se pelo aprendizado que insere o desejo na busca de satisfação pessoal do aluno. Isso acontece mediante o uso da linguagem. O professor, utilizando-se de uma linguagem ampla que lhe é própria, expressa uma realidade e desperta no aluno um desejo de conhecê-la também. Tendo-a por objetivo no ensino-aprendizagem, o aluno procura o domínio tanto da linguagem quanto da realidade. O prazer de conhecê-las se manifesta como coroamento da assimilação que o aluno efetiva.

O aluno assimila com facilidade e com gosto, o conteúdo proposto pelo professor. Estando o conteúdo organizado e diretamente ligado ao desejo de prazer do aluno, o trabalho é efetivamente satisfatório. O prazer vai norteando a aprendizagem, sustentado pela linguagem. Assim, o aprendizado vai sendo efetivado pelo aluno, na medida em que ele, o aluno, conhecer e dominar, mesmo que parcialmente, a linguagem estabelecida convencionalmente. E este processo se solidifica graças aos valores intrínsecos, caracterizados na aprendizagem pelo prazer. Podemos elencar vários valores, mas nos restringimos a dois apenas: aquele que se refere ao prazer impulsionado pelo desejo e aquele que se refere ao prazer pelo gosto individual ou coletivo da assimilação. No primeiro caso, já discutido, o mínimo de interesse e satisfação com aquilo que se faz é a condição mesma da possibilidade de fazê-lo de maneira integral. No segundo caso, depende quase que totalmente do método utilizado pela aprendizagem. Pode ser aplicado individualmente para o aluno ou pode ser coletivamente viabilizado pelo professor e pelos alunos.

Um dos ângulos de importância capital para Alves é a observação que faz a respeito do homem-natureza e do homem-racional. Por ser o aluno, também, um organismo biologicamente fechado, tem a necessidade de superar os limites biológicos e envolver-se na racionalidade. Esta última destaca-se como característica propriamente humana. É por isso que o aluno pode e deve entender-se como homem e desenvolver suas aptidões naturais pela força racional que possui.

A progressividade e acumulação da linguagem são feitas por intermédio da memória humana. Ela é responsável pela aglomeração de expressões. Significa que os conceitos apreendidos são ajuntados a outros, e assim, a criatividade intrínseca do homem é aflorada. Com isso, a linguagem assume uma dimensão global que expressa a realidade contida no aprendizado, elaborado pelo aluno. Graças ao prazer vivenciado na aprendizagem, o aluno pode expressar criativamente sua cosmovisão, através da linguagem. Ou seja, a linguagem que é, segundo Alves, uma técnica cultural, vai se consolidando no aprendiz, na maneira pela qual ele fala e pensa sobre seu modo.

A racionalidade humana, desenvolvida através da língua mãe, expressa, por assim dizer, a personalidade do aluno e do professor. O aluno, sendo acompanhado pelo professor, torna-se capaz de perceber os seus limites enquanto estrutura humana (biológica e racional). Para se perceber como tal, ele, o aluno, utiliza-se do raciocínio. E o raciocínio não acontece senão quando excitado pela linguagem. É, em última instância, um mecanismo de elaboração cultural.

Desta forma, o aprendiz sai do seu mundo limitado e incorpora, em seu crescimento humano, um mundo mais amplo e mais global. Através do uso da linguagem o aluno assume uma condição de criar uma forma para falar de sua cultura, de seus valores, de seu próprio desejo e do prazer correspondente. Ao ter domínio de sua realidade existencial, o aluno se afirma como homem e assume seus próprios limites de

linguagem. Isto é, em outros termos, o que Rubem Alves coloca como efetivação da aprendizagem e do prazer.

O objetivo fundamental do processo educacional, para Alves, é que o aluno seja capaz de buscar a satisfação de seu desejo mais profundo e que o professor seja apenas aquele que lhe proporcione condições a isso. É, em outros termos, necessário que se viva o prazer na prática, porque, daí, decorre a vivência contínua de tal prazer. O prazer deve ser condutor e objetivo da personalidade do homem em crescimento.

Depois de termos colocado alguns elementos do pensamento de Rubem Alves sobre a educação relacionada com o prazer, e como deriva dele sua "praxis", apresentaremos, no pensamento de Émile Chartier, (Alain), a pedagogia da dificuldade e seus objetivos, no que tange a educação como ensino-aprendizagem.

Se em Alves encontramos a necessidade de vivenciar o prazer no processo de aprendizagem, encontramos, também, diferentemente, em Alain, a forma como ele vê esse fato. A preocupação deste último autor está em que o prazer não pode ser vivido imediatamente pelo aluno. Somente após ter havido a superação das dificuldades na aprendizagem é que ele pode, por assim dizer, ter como produto do aprendizado o prazer do conhecimento.

Ensinar, segundo Alain, é uma arte, e seus resultados são palpáveis na medida em que o professor seja capaz de dirigir o educando à conquista do prazer maior. "Le merveilleux de cet art, et de cette pensée, et de ce style, c'est que l'homme accepte pleinement et joyeusement sa situation d'homme, et que, cherchant la perfection ou-dessus de sa tête..."⁵. Aceitar a situação de homem é condição básica para o aluno se desenvolver no conhecimento. Enquanto tal, o aprendiz está submetido a um processo de humanização. Humanizar, segundo Alain, consiste em incorporar no aluno o espírito humano que as belas-letras revelam. Em outras palavras, o professor é aquele que faz um trabalho, cujo objetivo é dar à criança uma auto-idéia de si mesma. Para isso, o professor busca subsídio, enquanto educador, nos clássicos. Essa é a sua função.

Para que aconteça esse fato, o aluno deve ultrapassar algumas etapas na aprendizagem. A primeira e mais importante delas é a leitura. Ler bem significa, para Alain, ler com facilidade, vivamente, sem esforço, de forma que o espírito se destaque da letra. Assim, o aluno pode prestar atenção ao sentido. Não só sentido daquilo que lê, mas, principalmente, daquilo que a humanidade expressa. Saber ler, em termos mais precisos, é descobrir a cultura da humanidade contida nos livros, bons e belos livros. Segundo Alain, "o que é belo para todos, e humano universalmente, é justamente o que parece ter sido escrito para cada um". Por isso, a leitura é uma tarefa difícil, e exige certa disciplina pessoal, a qual, por sua vez, caracteriza-se como superação das dificuldades e dos dissabores na aprendizagem da leitura. O sabor de ler será vivido após muito esforço e muito exercício. Sabe-se que o "prazer maior" está além do aqui e agora. A passagem do aluno pelo cotidiano escolar acontece por etapas, cuja superação proporciona um prazer pessoal. O aluno deve, portanto, saber procurá-lo como algo sublime que está acima de seus próprios limites. Isso só se concretiza pela leitura bem feita.

⁵ Émile CHARTIER (ALAIN): *Propos sur l'éducation*, p. 173. "O maravilhoso dessa arte, desse pensamento, desse estilo, é que o homem aceita plena e alegremente sua situação de homem, e que, procura sua perfeição acima de sua cabeça".

Outra etapa é a escrita. Esta vem por consequência da leitura. Não se aprende senão pelo exercício de copiar; deve ser desenvolvido gradativamente e em escalas. Escalas estas que caracterizam, a primeira instância, a busca do conhecimento, nas fontes, nos belos livros. Eles servirão de textos-base, quando selecionados, segundo o interesse dos alunos. Então, copiar é o processo em que o aluno desenvolve seu raciocínio e se percebe como homem. Isso porque, copiando, ele mantém contato com outros homens. E este contato com as grandes obras dos grandes autores quase sempre acrescenta percepções sólidas que contribuem para a formação humana do aprendiz.

O prazer, para ser conquistado nessa etapa, deve ser programado e almejado pelo aluno. Tendo em vista tal prazer é que Alain apresenta a pedagogia da dificuldade como importante, tanto para o professor, quanto para o aluno. Ou seja, o aluno apreende uma auto-disciplina que, vista de outra forma, é também a maneira pela qual ele consegue perceber a si próprio. Nesse processo, a experiência vai sendo a mola mestra do ensino. O professor é apenas um instrumento proporcionador de métodos e técnicas de aprendizagem.

Ao agir assim, o aluno vai sendo moldado pelo desejo de prazer. A natureza humana, conforme Alain, se molda com facilidade segundo o julgamento de outrem. Disse ele ainda: "je crois pourtant ferme que chaque individu naît, vit et meurt selon sa nature propre, comme le crocodile, et qu'il ne change guère"⁶. Significa, pois, que os valores apreendidos pelas crianças vão sendo elaborados através do contato com o professor. E são importantes para que a convivência humana seja possível. Não se pode ponderar a respeito dos valores, sem incluí-los como partícipes da ideologia escolar. Ela tem um destaque no ensino da leitura, da escrita e da recitação. O julgamento valorativo que o professor faz dos alunos, por mais imparcial que seja, está impregnado de valores sociais: alienantes ou não. Podemos dizer, a partir desse raciocínio, que o aluno tem uma manifestação que é regulada pelos valores. O fundamental, portanto, são as exigências internas de realização pessoal do prazer que o aluno carrega em sua própria estrutura humana, sustentadas pelos valores essenciais.

Outra etapa, não menos importante que as anteriores, é o ensino da ortografia. Este ensino da ortografia deve estar vinculado ao que é vigente, sabemos, por experiência, que ela é o resultado de avanços e retrocessos da cultura. Daí a necessidade de se retomar o espírito humano dos grandes homens para poder elaborar, em boa ortografia, os caminhos. Justifica ainda o autor: "il n'y a qu'une méthode pur bien penser, qui est de continuer quelque pensée ancienne et éprouvée"⁷. Só assim, o aluno progride na formação de sua personalidade. Mas não pára por aí. Outro aspecto é que ele seja também capaz de "tracer di belles marges sur un beal chier; copier des formules pleines, é equilibrées, belles, voilà le travail herureux, assoupli qui fait le nid pol l'idée"⁸. Portanto, o aluno deve estar em condições de ler, reler, copiar, recopiar, escrever, reescrever e, conseqüentemente, pensar por si só. Ao conseguir superar etapa por etapa, ele consegue, por conseguinte, ter prazer na auto-disciplina e no auto-conhecimento.

⁶ Op. cit., p. 33: "Creio firmemente que cada indivíduo nasce, vive e morre segundo sua própria natureza, assim como o crocodilo é crocodilo e não muda".

⁷ Op. cit., p. 136: "Só há um método para bem pensar: é continuar alguns pensamentos antigos e experimentados".

⁸ Op. cit., p. 140: "Traçar belas margens em um belo caderno; copiar fórmulas cheias, equilibradas, belas, eis aí o trabalho feliz, leve, que faz o ninho para a idéia".

Abordagem final

Podemos dizer, contudo, que, em alguns aspectos, Alves e Alain se encontram e em outros eles se aproximam. É no crescimento intelectual, baseado na superação dos seus limites biológicos, que o aluno amadurece enquanto homem. Vale dizer, ainda, que não importam os mecanismos e as técnicas utilizadas, para favorecer ao aluno a obtenção do prazer. O que interessa é que ambos promovem, através da educação escolar, a possibilidade de o aluno ser ele próprio, com responsabilidade pela sua vida individual e coletiva. Só assim, ele pode experimentar um prazer que faça sentido e que seja o sustentáculo de sua personalidade.

Bibliografia

- ALAIN (Émile Chartier) (1978): *Reflexões sobre a educação*. Trad. de Maria Elisa Mascarenhas. SP, Saravia.
- (1972): *Propos sur l'éducation*. Presses Universitaires de France.
- ALVES, R. (1985): *Conversas com quem gosta de ensinar*, 12.ª ed., SP, Cortez/Autores Associados.
- : *Histórias de quem gosta de ensinar*, 5.ª ed., SP, Cortez/Autores Associados.
- : *Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras*, 6.ª ed., SP, Brasiliense.
- CHATEAU, J. (1978): *Os grandes pedagogistas*. Trad. de Luis Damasco Penna e J. B. Damasco Penna. SP, Nacional.

Contactar

Revista Iberoamericana de Educación

Principal OEI